

Outras Linguagens

Roselete Fagundes de Aviz¹

Uma poética do espaço

Na Casa das Palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas.
As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal,
esperavam pelos poetas e se ofereciam,
loucas de vontade de ser escolhidas:
elas rogavam aos poetas
que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem.[...]

Eduardo Galeano

Em “Lá e Aqui”, um menino-narrador conta em primeira pessoa a história de sua casa. É a casa natal, fisicamente inscrita nele. Uma casa que lhe oferecia segurança até o dia em que foi engolida por uma tempestade: a separação dos pais. Esse acontecimento marca também a (des)continuidade da relação dessa criança com seu espaço, mostrada na narrativa ora pelas palavras, ora pelas imagens. E quando a palavra escrita silencia, a ilustração se evidencia. No entanto, as ilustrações não aparecem como ordem explicadora das coisas, mas cumprem a função literária do texto ao focarem cada

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e atualmente Professora substituta na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: roseaviz@hotmail.com

canto da casa do menino e o menino no canto de sua morada. A obra termina com a casa transformada em duas. No entanto, as duas caracterizam-se nesse jogo entre palavras e imagens como casas-ninho. E o menino, no aconchego desse devaneio, nas últimas páginas do livro, mostra ao leitor que está feliz e muito à vontade. Tais representações caracterizam o livro como um verdadeiro caso de amor à literatura.

Franca e profunda, a obra não esconde que tal experiência vem sempre carregada de dor, incompreensões, questionamentos e, principalmente, insegurança. Paradoxalmente, porém, há uma alegria na narrativa quando nos mostra uma paixão, uma vida que funciona também na e acima da palavra.

O que podemos trazer para um primeiro plano de discussão em textos como o de Carolina e Odilon não é o enfoque à história, embora eles tenham uma interessante história para contar, mas sim à poesia que dali emana como uma das principais estratégias utilizadas para produzir a obra. Ao terminar a leitura, parece que fica no ouvido do leitor o som de uma canção eterna, nutrida em cantos que alegram e curam. Talvez isso explique por que, ao encerrar a narrativa, o leitor sorri de alegria pela esperança que a obra evoca.

Os autores sabiam que as crianças receberiam esse livro de braços bem abertos, uma vez que nesta fase a poesia é acolhida com muita facilidade. Se dermos um poema aqui elas respondem lá. Pensando assim, que feliz a ideia do título: “Lá e Aqui!”. É o jogo de surpresas entre palavras e palavras, palavras e ilustrações, palavras e espaços em branco que constituem significativos elementos que constroem a originalidade da narrativa.

A própria obra pode ser olhada como a representação de uma casa, “como um reforço da felicidade de habitar”², uma vez que palavra, ilustração e projeto gráfico se materializam em um pequeno livro, de capa dura, fonte delicada e páginas repletas de pausas: espaços em branco. Simples e delicado contrapõem-se com a complexidade da temática. Tal experiência mostra como na literatura é comum narrar espaços pequenos, base para intuir os grandes espaços: “o grande [...] está contido no pequeno”³.

O convite, então, é para prestarmos atenção à imagem poética que carrega o texto literário, à construção de estratégias que mostram o que fazem seus autores sob o ponto de vista semântico, da significação que trazem a essa história que contam ao leitor e que tem significado em si mesma, porém será distinta na escuta que faz cada leitor, que se torna neste momento co-autor do texto.

Ainda no gozo que tal reflexão suscita, talvez fosse oportuno trazer a essa conversa dois relatos.

Primeiro relato: Ouvi, recentemente, de um escritor, amigo de Carolina e Odilon, autores de “Lá e Aqui”, o espanto que ele e outros colegas tiveram quando ouviram a leitura dessa obra pela primeira vez, antes da sua publicação. Segundo esse escritor, a escuta de “Lá e Aqui” foi tão potente que ele “ficou mudo de beleza” e quando, finalmente, se recompôs, não conseguiu conter-se e perguntou: “Afim, vocês estão se

² BACHELARD, 1993, 57.

³ BACHELARD, 1993, 165.

separando?”. Rimos muito da situação e ao ouvir tal relato lembrei-me das tantas vezes que ao levar alguém da literatura para conversar com as crianças nas escolas onde fui professora, a primeira pergunta costumava ser: “aconteceu isso com você?” Ou, “Sua mãe era assim?” Ou ainda, em obras como *Ver de ver meu pai*, de Celso Sisto: “Era seu pai mesmo?”. Essas, entre outras experiências, nos provocam alguns questionamentos: Qual a relação entre literatura e vida? O que é literatura? Qual contribuição traz a literatura para a formação dos estudantes? Quais as especificidades da obra literária?

Segundo relato: Li um dia desses a obra “Lá e Aqui” em um curso de formação para professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e uma das professoras presentes perguntou: “eu poderia dizer que essa obra entraria no rol daquelas que são importantes para conversar sobre alguns assuntos difíceis que aparecem na sala de aula, como separação, sexualidade, medo?”. A pergunta revela que ainda procuramos na literatura material para ensinar alguma coisa, senão não haveria sentido ela estar na escola. Essa professora e muitas outras que a acompanhavam naquela formação olham para o texto literário como se questões como medo, preceitos morais, educação sexual, dentre outras se levantadas em sala de aula, podem, pela literatura, ser resolvidas. Fiquei pensando que, por mais que tenhamos discutido sobre as especificidades do texto literário, nos últimos anos, parece necessário sempre retornar à discussão. Tal questionamento faz-nos insistir ainda mais na reflexão sobre a desvalorização que, em geral, se tem da literatura e da arte como importante contributo para nossa formação.

De fato, pensar sobre esses assuntos têm elevado e aguçado o deleite que eu sinto no trabalho que a literatura consegue fazer sob a pressão que muitas vezes a escolarização inadequada da literatura impõe sobre o processo criativo. Com “Lá e Aqui”, mais uma vez, eu me espanto com o tesouro que a literatura (para a infância) brasileira é. Como é empolgante a leitura de obras como essa. E, com licença poética à Toni Morrison (1992), dou aqui uma pausa para pensar com o leitor que me acompanha nas instigantes conversas sobre literatura: como é espantoso o que alcançaram aqueles que buscaram expressar o belo e o sensível e encontraram na mina da linguagem as palavras capazes de dizê-los... Carolina Moreyra e Odilon Moraes, em “Lá e Aqui”, estão, certamente, entre eles.

Referências

- MOREYRA, Carolina; MORAES, Odilon. **Lá e Aqui**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2015. 65 p.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 5ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- MORRISON, Toni. **Playing in the dark: whiteness and the literary imagination**. London: Picador, 1992.

Recebido em: 12/08/2016

Aprovado em: 20/08/2016

